

Sai de mim, século XX!

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Cresci quando tudo já tinha acontecido no século XX - o mais extraordinário da história, segundo o historiador Eric Hobsbawm. Enquanto eu me entendia por gente, caía um muro na Alemanha, ruía um regime na Rússia, e o Brasil vivia suas primeiras eleições diretas. Criança atrevida, eu chegava no meio dessas conversas de adulto, queria entender tudo de uma vez e fazia uma confusão danada. E 1989, ano em que aprendi a ler e comecei a prestar vagamente atenção nas notícias, era um ano particularmente confuso pra quem acabara de chegar. Decorei todos os candidatos a presidente naquelas eleições, e sabia cantar seus jingles. Só não entendia por que todo mundo falava em primeiras eleições diretas, se já tinham acontecido as Diretas Já do Ulysses Guimarães... Em 89 ninguém botou fé no velhinho: ele perdeu feio no primeiro turno, e meu avô ficou triste porque ele ia morrer sem ser presidente.

“Mas tinha mandado no Sarney com a Constituinte”, me contou orgulhoso. Tinha também o problema do Lula: na minha família todo mundo dizia que ele era analfabeto, falava errado. Mas minha madrinha, única dos meus parentes que dava aula em faculdade, votava nele. Na eleição das crianças ela me pediu voto e me livrou de votar no Collor. Perdi meu voto, todo mundo falou.

Depois teve a queda do muro. Na hora do Jornal Nacional, meu tio mais rico ficou tão feliz que me deu uma nota de um dólar. “Agora os Estados Unidos vão mandar no mundo”, ele disse. Eu mesmo apostava mais no Japão, por causa dos desenhos do Jaspion e dos Changeman. Mas não falei nada e guardei meu dólar. O primeiro evento que eu organizei foi a posse do Collor.

Combinei com a professora e levei minha TV portátil para a escola. A tela era bem pequena, mas a gente só ouvia mesmo... Se eu soubesse que o Collor ia botar a Zélia pra tomar o dinheiro da poupança do meu avô, não tinha levado a TV pra escola. Meu avô ia me dar um aparelho de som três-em-um de presente naquele Natal, se eu passasse de ano... Ficou sem dinheiro nem pra fazer remédio e fechou a loja de tecidos. A primeira matéria de jornal que eu li foi sobre a Rio-92. Quer dizer, minha prima Adriana leu pra mim, porque não tinha jornal em braile. Era um negócio pra salvar a natureza, ela me explicou. Eu copiei tudo e levei pra professora. No jornal aprendi a palavra “discernimento”, e resolvi que precisava discernir as coisas. A próxima coisa que eu precisava discernir era o “Fora Collor”. O dinheiro da Poupança do meu avô... Me engajei naquela vingança, tinha lá meus interesses.

Não tive dificuldade para discernir a coisa: passava tudo na televisão, e pra mim era igual a filme e novela. O esquema PC Farias (meu pai me explicou que esquema era roubo), a Elba (meu pai tinha uma Elba), o Ulysses Guimarães confrontando o Collor! Os caras pintadas, a UNE... (um dia eu ia ser da UNE) A Mônica Waldvogel, minha jornalista linda! Na votação do impeachment já tinha televisão na escola. Quem de Goiás vai votar sim? Quem vai votar não? Eu fazia a enquete. O Caiado votou não! Era amigo do Collor!

“O Caiado é da UDR (União Democrática Ruralista)”, aprendi nessa época. A UDR era inimiga do Dom Pedro Casaldáliga, bispo da minha cidade.

A minha família também era meio contra o bispo. Meu tio era do PFL (Partido da Frente Liberal), o partido do Caiado. Eu gostava do bispo. Não queria gostar da UDR... Nem do PFL. Só não podia falar pro meu tio, que gostava muito de mim e queria que eu fosse político. Saiu o Collor e eu pensei que ia entrar o Lula, mas entrou o Itamar. Aprendi o que era vice. Depois veio o plebiscito, e eu já sabia mais ou menos de quem gostava, e muito de quem não gostava. O povo que eu não gostava era da monarquia. O povo que eu gostava era da república, uns do presidencialismo, outros do parlamentarismo. Virei parlamentarista. Fiz minha primeira campanha. Fui chamado na direção da escola: não era hora nem lugar, nem eu tinha idade pra aquilo. Deu presidencialismo e eu mudei de escola. Enquanto eu virava adolescente, o século XX começava a cobrar seu preço. O discernimento que eu buscava foi se transformando em zona cinzenta. Eu ensaiava querer sonhar, e todo mundo dizia que o sonho acabou: comunismo? Perestroika. Marxismo? Fim da história. Sociologia? Fernando Henrique Cardoso. Revolução? Stalinismo. Utopia? Ganhar um milhão de dólares. Meu sentimento era de fim de festa: eu chegava naquele momento que medeia a euforia e a ressaca. Eu não chegara para o século extraordinário, que tinha acabado antes do fim. O novo século chegaria logo, mas eu desconfiava que jamais pertenceria a ele por inteiro. O que me restava era correr atrás do século XX, como um cão atrás de sua dona. Foi o que fiz; é o que tenho feito; é o que percebo que têm feito muitos da minha geração: a turma da virada. Quando virou o século eu tinha dezoito anos. Quem tem dez ou vinte anos a mais que eu já tinha vivido o bastante para atravessar com altivez aquela virada de século. Quem tem dez ou vinte anos a menos já cresceu no novo século, sem os fantasmas - e o maravilhamento - do anterior. Já nós outros, o que temos feito é escarafunchar o século XX: suas guerras insanas, suas revoluções de curta duração e longa memória, suas ficções improváveis, suas personagens gravadas para sempre em fotos e vídeos, suas sedutoras e perversas teorias; enfim, suas grandezas e misérias. Nós outros, aqui no presente caso, somos o Nei e eu. O Nei regula comigo na idade e dá aulas de história. Aliás, acho que ele dá aula mesmo é de século XX. Vira e mexe um de nós puxa o outro para uma vasta investigação sobre Getúlio Vargas, a Guerra Fria, Mata Hari ou Vinicius de Moraes. E Getúlio puxa Prestes, que puxa Jorge Amado, que puxa José Sarney, que puxa o cinema novo, que puxa Ava Gardner, que puxa Nelson Rodrigues... Eis um século sem fim. Nós, homens de fim de século, vivemos uma espécie de decadentismo português fora de tempo e de lugar. No fundo somos atravessados por certo desprezo pelo presente, e temos os olhos voltados para um passado de poucas glórias e de muitas tragédias que nem está distante o suficiente para que possamos perdê-lo de vista, nem próximo o bastante para que pudéssemos tê-lo vivido. O fim de século não nos ensinou a sonhar com o futuro: então aprendemos a sonhar com o passado, sempre a tentar em vão rolar morro acima a teimosa pedra da ruína, que para nós, homens de fim de século, é a única pedra possível da construção. Como será que se faz para exorcizar um século, e ainda mais tendo sido ele tão extraordinário como foi o XX?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.